

MAR DE SOPHIA

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2021.8.2.250-260>

Daniela Vicentini¹

RESUMO: Mar de Sophia é um ensaio visual que parte da apropriação de textos como metodologia de tradução para a realização de um trabalho de arte. A partir da observação do encontro do mar na areia registrado em aquarelas e a lembrança de poemas da portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), surgem os poemas visuais apresentados neste ensaio.

Palavras chaves: poema visual, Sophia de Mello Breyner Andresen, paisagem, arte contemporânea.

SEA OF SOPHIA

ABSTRACT: Mar de Sophia is a visual essay based on the appropriation of texts as a translation methodology for the realization of a work of art. From the observation of the meeting of the sea in the sand recorded in watercolors and the memory of poems by the Portuguese Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), the visual poems presented in this essay emerge.

Keywords: visual poem, Sophia de Mello Breyner Andresen, landscape, contemporary art

MAR DE SOPHIA

RESUMEN: Mar de Sophia es un ensayo visual basado en la apropiación de textos como metodología de traducción para la realización de una obra de arte. De la observación del encuentro del mar en la arena grabada en acuarelas y del recuerdo de los poemas de la portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), surgen los poemas visuales presentados en este ensayo.

Palabras clave: poema visual, Sophia de Mello Breyner Andresen, paisaje, arte contemporáneo.

¹ Doutoranda na linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos da UDESC, Florianópolis, SC. Formou-se em bacharelado em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP, 1995); fez mestrado em História Social da Cultura, na PUC-Rio, em 2000. Participa do Grupo de Pesquisa “Articulações Poéticas”, UDESC, investiga conceitos de natureza e realiza obras em aquarelas, escritos e processos colaborativos. E-mail: vicentinidan@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0894-4287>. <http://lattes.cnpq.br/0553803387885690>

Apresentação

Um dia olhei as linhas e as distâncias e as cores do movimento do mar para a praia. Fiz aquarelas observando isso. Lembrei de poemas da portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, gostaria que fossem minhas suas palavras sobre o mar. Desenhei os poemas como a paisagem em massas de água e areia, para serem impressas numa sequência de páginas transparentes e dar a ideia de a água ir avançando até a areia. Para trazer mais o movimento do mar para a paisagem, peguei os poemas e tesoura e, com minha filha de 10 anos, brincamos com instruções de poemas dadá: com as palavras impressas, chacoalhamos e, tirando aleatoriamente, ela dizia para aqui, não vou pegar mais nenhuma, vai estragar. Passamos uma tarde de outono de céu escampado gostosa no jardim. Acabei fazendo o embaralhamento das palavras no programa do computador, redesenhando as águas e as areias. Sobrepus camadas e me delicieei nos encontros fortuitos. Não ressaltei todos os que ocorreram. Entrei no movimento da paisagem das palavras para pegar elas de volta para mim.

Mar **sonoro**,
mar sem fundo, mar
sem fim, A tua **beleza**
aumenta quando estamos sós
E tão fundo **intimamente** a tua
voz Segue o mais **secreto**
bailar do meu sonho,
Que momentos há em que
eu suponho **Seres** um
milagre criado só
para
mim.

Quando
 eu morrer
 Um dia, mortos, voltarei
 gastos, voltaremos para
 A viver livres como
 os animais buscar
 E mesmo tão cansados Os
 floriremos
 Irmãos vivos do
 mar e dos pinhais.
 O vento levará os mil instantes
 cansaços Dos gestos que
 agitados, irreais, E há-de voltar não
 aos nossos membros lassos A leve vivi
 rapidez dos animais. Só então poderemos caminhar junto
 Através do mistério que se embala No verde dos pinhais, na do
 voz do mar, E em nós germinará a sua fala. mar

Para além
 Quando eu morrer
 das dunas
 voltarei
 a praia estende-se a
 todo o comprimento da costa e só o
 limite do olhar a
 limita. E, de norte a
 sul, ao longo das
 areias, correm três
 linhas
 escuras e
 grossas de algas,
 búzios e conchas,
 misturados com ouriços,
 pedaços de cortiça e pedaços de
 madeira que são restos de bóias e de
 barcos. Sobre a areia molhada que a
 maré cheia alisou o pisar das
 gaivotas deixa finas pegadas
 triangulares,
 semelhantes à
 escrita de um
 t e m p o
 que não antiquíssi
 mo.
 vivi
 junto
 do
 mar
 buscar
 Os instantes

Para além
das dunas a praia estende-se a todo o
comprimento da costa e
só o limite do olhar a limita. E, de
norte a sul, ao longo das areias, correm três
linhas escuras e grossas de algas,
búzios e conchas,
misturados com ouriços,
pedaços de cortiça e
pedaços de
madeira que são restos de bóias e
de barcos.

Mar **sonoro**,
mar sem fundo, mar
sem fim, A tua **beleza** fundo,
aumenta quando estamos sós sem fim,
E tão fundo tua **intimamente** **beleza** aumenta
voz Segue o mais **secreto** **estamos sós**
bailar do meu **estamos sós** sonho, semelhantes à
Que momentos há em que E tão **fundo**
eu suponho **intimamente** **Seres** um a tua **escrita**
milagre **intimamente** criado só Segue o mais **secreto** de um
para para bailar do meu sonho, tempo
Que momentos há em que eu suponho **Seres** um
milagre criado só para
mim. antiquíssimo.

Para além das dunas a praia estende-se a todo o comprimento da costa e só o limite do olhar a limita. E, de norte a sul, ao longo das areias, correm três linhas escuras e grossas de algas, bruxos e conchas, misturados com ouriços, pedaços de cortiça e pedaços de madeira que são restos de bóias e de barcos. Sob o ar da manhã molhada que a maré cheia alisou o poisar das gaivotas deixa finas pegadas triangulares, semelhantes à escrita de um tempo antiquíssimo.

Quando eu morrer voltarei

Um dia, mortos, para

Mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim, A

tua beleza aumenta quando

estamos sós

Os que não

E tão a tua escrita

intimamente segue o mais secreto

intimamente

VOZ

Que momentos há em que eu suponho

milagre criado só para

VOZ mim.

buscar instantes

junto a ti

do mar

Quando
Um dia, só o limite do olhar a limita
mortos,
Mar **sonoro**

pegadas

intimamente

escrita

vivi
junto
de um
tempo

VOZ
VOZ

o8Po A viver livres
E mesmo tão

misturados

i

Legendas

Todas as imagens anteriores: Mar de Sophia, 2021 (o ensaio pode ser impresso em papel vegetal).

Referências

ANDRESEN, Sophia de Melo Breyner. *Coral e outros poemas*. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

MOUGIN, Pascal. *La tentation littéraire de l'art contemporain*. Dijon: Les Presses du Réel, 2017.
Tradução de Regina Melim.